



## O TRABALHO SOB A ÓTICA DISCURSIVA

Stefany Rettore Garbin<sup>1</sup>

O que é *trabalho*? Conhecendo a crítica marxista ao modo de produção capitalista, parece uma pergunta simples. Para a de Análise de Discurso (AD), tal como propôs Michel Pêcheux, que tem por base o Materialismo Histórico, a resposta deveria ser fácil. Porém, no campo teórico-analítico da AD o *trabalho* não é conceito, nem categoria. Se Karl Marx descreve a formação social capitalista e fundamenta a dialética da História – a luta de classes – no conceito de *força de trabalho*, por que não há uma relação teórica entre *discurso* e *trabalho*? Passei os últimos dois anos remontando os andaimes suspensos que sustentaram o surgimento de uma teoria materialista do sentido, a fim de trazer o *trabalho* desde o interior da AD. Trago para o debate no VIII Seminário de Análise de Discurso um breve recorte das questões que mobilizaram esse percurso feito no mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Começo pelo fim, pois é em meio à retificação de Michel Pêcheux sobre a realização impossível do assujeitamento que se encontra, em uma nota de rodapé, o processo de trabalho. Trecho emblemático da autobiografia de R. Linhart, um militante, intelectual, empregado das indústrias Citröen, que nos ajuda a discutir o que o título *Só há causa daquilo que falha*, enseja:

E se a gente se dissesse que nada tem muita importância, que basta se habituar a fazer os mesmos gestos de uma forma sempre idêntica, aspirando somente à perfeição plácida da máquina? Tentação de morte. Mas a vida se revolta e resiste. O organismo resiste. Algo no corpo e na cabeça, se fortalece contra a repetição e o nada. A vida [...] (PÊCHEUX, 2014, p. 278)

Algo se fortalece contra a repetição e o nada, algo que tem a ver com o sempre-já-aí da Ideologia, mas que também é 'algo de outra ordem'. Repetição e tentação de morte se encontram nas primeiras formulações da *alienação do trabalho*, mas não podemos nos deixar levar na literalidade das palavras. Para lembrar o princípio básico da leitura sintomática de Louis Althusser, precisamos tomar os conceitos em sua historicidade. Há nas obras de juventude de Marx<sup>2</sup> uma relação essencial entre o sujeito e o trabalho. No capitalismo a atividade vital é alienada e o sujeito produz aquilo que o determina. Entretanto, a mudança nessa concepção é o que caracteriza a ruptura científica do Materialismo Histórico. Em *O Capital*, ao explicitar que o *processo* de produção é a base da formação social e a relação do sujeito com o trabalho não é essencial, mas sim contingente, Marx ([1867] 1996) estabelece a *força de trabalho* como a única mercadoria capaz de gerar valor e a exploração dessa força, a mais-valia, o princípio organizador do modo de produção capitalista.

Se reconstruí os cem anos que separam Karl Marx de Michel Pêcheux, foi para marcar, na tessitura ideológica que articula o sujeito, os pontos de relação com o trabalho. O problema é que, a

<sup>1</sup> Mestranda em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas PPGLT/UFRGS. Bolsista CAPES. Licenciada em História pela Universidade de Caxias do Sul. E-mail: regarste@gmail.com.

<sup>2</sup> As 'Obras de Juventude de Marx' seriam as que vão de 1840 a 1844, que Althusser (1979) divide em dois períodos: o primeiro de obras com problemáticas kantiano-fichtiano e feuerbachiano; seguido pela problemática hegeliana que Marx tenta inverter com o pseudo-materialismo de Feuerbach.



AD toma como ponto de partida a teoria da Ideologia em Geral de Louis Althusser. Logo, saímos desde Marx com o conceito de força de trabalho fundamentando as bases da ciência da História e chegamos em Pêcheux sem ele. O que fez Althusser? Basicamente, disse que a reprodução das relações de produção não se estabelece na realidade da alienação do trabalho. Em um resumo grosseiro: os sujeitos não são alienados porque produzem, mas o exato oposto, os sujeitos produzem porque são alienados.

Para Althusser (1996) a interpelação ideológica é o que produz o sujeito pleno do registro imaginário. O sujeito é sempre-já-sujeito e a ideologia é a relação imaginária do sujeito com suas condições reais de existência. Perfeição plácida da máquina? O assujeitamento perfeito é o que falha na reprodução. Mas então o que aliena o sujeito?

Normalmente encontramos apenas o conceito marxista de trabalho 'aplicado', principalmente em áreas da Sociologia e da História, onde o pós-estruturalismo 'joga fora o bebê com a água da bacia'. Se quisermos efetivamente, fazer nascer algo, temos de reterorizar a noção de trabalho no quadro epistemológico da AD. Então, partimos de duas posições críticas indispensáveis: 1) não tratar o trabalho como tema e lhe atribuir uma definição, pois isso seria fugir das questões mais profundas que tocam as bases do Materialismo Histórico e noções onde a própria Análise de Discurso fundamenta categorias de análise; 2) é preciso pensar que o trabalho é uma prática ideológica onde o sujeito é interpelado a continuar produzindo, não partir disso seria colocar a reprodução fora do ato de produção o que seria como ser interpelado pela ideia de produzir.

Deve ser preciso mais do que um significante *trabalho* para engatar o sujeito no modo de produção. Como bem nos lembra Pêcheux ([1975] 2014, p. 278), não se trata de fazer do inconsciente o lugar da interpelação. A vida resiste, pois não é o Ego-sujeito que está alienado. Constatação já levantada por Hannah Arendt (2001) em *A Condição Humana*, que desdobra na história da filosofia os conceitos de reificação e objetivação através da distinção entre trabalho e labor. Para Arendt (2001) a grande contradição no interior do marxismo está na afirmação de que, para o sujeito, a alienação é da ordem da reificação, quando o sujeito na fabricação não se engendra ao objeto. A força de trabalho produz apropriação, mas o que está alienado não é o sujeito, mas sim o processo. Isso é muito importante: o sujeito engendra força de trabalho em um fato vazio, em um processo alienado.

Tendo essa problemática em vista, procurei materialidades de análise que não fossem institucionais, ou seja, materialidades que perpassassem o trabalho como gesto. Partir da mídia, ou das organizações seria caracterizar os trabalhadores com base no discurso dominante das categorias profissionais. Procurei um espaço em que pudesse estabelecer uma escuta discursiva dos trabalhadores.

Realizei vinte e uma entrevistas no Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Porto Alegre (Stimepa), onde tive retorno e respaldo dos funcionários e da diretoria. O objetivo era estabelecer um lugar que permitisse aos entrevistados contar sua trajetória profissional para além das perguntas. Ou seja, um lugar onde eles se sentissem confortáveis para me contar o que quisessem sobre seu



trabalho e sobre o que pensam sobre o trabalho. Foram seis dias diferentes, ao longo de quatro semanas, conversando com os trabalhadores que, independentemente do motivo, tinham consulta marcada com a médica ou o médico do trabalho.

Dois problemas se apresentaram de imediato: qual a diferença entre o processo de trabalhar e o que é a própria coisa, o produto de trabalhar. É óbvio, não é? Tão óbvio como a diferença entre o Eu (moi) e o mundo não é mesmo? Mas o que constitui o sujeito se não o processo de subjetivação em relação ao mundo? Quando nos damos conta, estamos trabalhando no sofisma mais antigo da história, a diferença entre pessoa/objeto, palavra/coisa, necessário/contingente. Que conceito é esse que concentra verbo e substantivo? Um exemplo do paradoxo do trabalho é um jargão bem conhecido: trabalhamos para comer, comemos para trabalhar.

No arquivo há uma 'mistura' entre ser/fazer, trabalho/trabalhar, função/vida. Trago para discussão um breve recorte de uma entrevista, onde há descompassos tênues na linearidade do enunciado. Interessante é que o sentido não é absurdo. Entendemos perfeitamente. A estrutura marca o arquivo como um todo, através da ambiguidade/obviedade da coincidência imaginária pessoa/coisa:

E9.1: Então essa máquina que eu tava trabalhando no dia ela soltava uma pasta, é uma pasta que derrete, o química, o ácido da, daquela tá fosca, depois ela recebe essa pasta química que derrete, que agride ela e junto com a máquina ela consegue começar a ficar brilhosa, começa a aparecer o volume dela, o brilho dela.

E9.2: [...] fui trabalha, tava trabalhando normalmente e ela estourou nos meus olhos [...] só que quando a máquina girando ela levo pro meu rosto, levo, estourou a pasta e veio no, em todo meu rosto, meu peito [...] Só que eu diretamente eu tava na frente da máquina e isso entrou pra baixo dos meus olhos e na hora eu já fiquei com os olhos fechados já e me agrediu.

A ambiguidade é sutil, no começo do recorte E91: 'a máquina que eu tava trabalhando', poderíamos nos questionar sobre a determinação do verbo, já que há uma elipse da preposição. Seria "a máquina em que eu tava trabalhando" ou ele estava trabalhando a máquina? Em seguida, 'daquela' se refere 'a aquela peça...' da qual ele falava antes em outro momento da entrevista. No contexto, ela é [a peça] que é agredida e junto com a máquina fica brilhosa. Entretanto, no recorte E9.2 o tempo, o sujeito e o objeto aparecem desconexos, a relação vai sendo construída por uma cadeia metonímica. O sujeito vai construindo paráfrases e reitera: levo pro meu rosto/ levo, estourou a pasta e veio no, em todo meu rosto/ eu tava na frente da máquina e isso [a pasta] entrou pra baixo dos meu olhos/ e me agrediu.

Não sabemos bem se o referente é o sujeito, a peça ou a máquina. Na descrição do acidente de trabalho encontramos marcas na língua da cadência entre o corpo e a máquina. Primeiro, a descrição do processo familiar, a produção, a função da máquina de agredir e dar brilho na peça. A partir daí o trabalhador constrói a cena através de deslocamentos significantes no intradiscorso. A máquina, girando, levou a pasta para o rosto, não para a peça e agrediu o sujeito. O que está ambíguo nesse círculo de evidências é o sujeito, o Eu (moi) na relação com o objeto. Contradição de onde o sujeito é produzido como efeito, contradição que dá, ao mesmo tempo, unidade e consistência ao Eu (moi) e ao enunciado.



Só que a vida escapa, no corpo e na cabeça, algo se fortalece contra a repetição e o nada. Na relação do sujeito com o trabalho, está o objetivo da Ideologia: a reprodução do modo de produção. Se levanto essas questões no campo da AD para discernir como a vida engendra esse “algo” que resiste e se revolta, não é por acreditar que há um modo de acabar com a falha estruturante que é a interpelação, mas sim, nas palavras de Pêcheux ([1975] 2014, p. 276) “para tentar avançar tanto quanto se possa em direção à justiça”. O trabalho é discurso, é uma prática, não só no sentido de *fazer*, mas também de constituir o sujeito em um lugar na formação social. A Ideologia e a interpelação têm léxico, estrutura sintática e espessura semântica.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *A favor de Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. In: ADORNO, Theodor W.; RIBEIRO, Vera; ADORNO, Theodor W.; ZIZEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2001. Trad. Roberto Raposo.
- \_\_\_\_\_. *O Capital: crítica da economia política*. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultura, [1867] 1996.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 2014.